

A integração do toxicodependente na família *

Introdução

Identificar o papel do Enfermeiro durante o internamento hospitalar do toxicodependente jovem, descrever em que medida este indivíduo e a sua família são solicitados a participarem em todo o processo terapêutico, constitui, essencialmente, o conteúdo desta comunicação.

Tendo como fundamento o *cuidar* da pessoa humana e sendo a Enfermagem essencialmente uma relação de ajuda, o Enfermeiro rege-se por princípios básicos: 1. reverência face ao dom da vida; 2. respeito pela dignidade, o valor, a autonomia e a individualidade de cada ser humano; 3. vontade de actuar com dinamismo na promoção dos indivíduos e nas metas da humanidade.

Com base nestes princípios, Hildegard Peplau define a Enfermagem como instrumento educativo, força de maturação que aponta e promove na personalidade, o movimento de avanço para uma vida criativa, construtiva e produtiva, pessoal e comunitariamente.

É nesta atitude e com estes recursos que o Enfermeiro colabora na integração do toxicodependente na família, em interacção com a Equipa de Saúde, o próprio utente e a sua família.

A integração do Toxicodependente na Família

O processo de integração do Toxicodependente na família inicia-se logo aquando da sua admissão na Instituição Hospitalar.

De acordo com a Metodologia Científica do Trabalho em Enfermagem, este processo começa por uma avaliação das necessidades do indivíduo e da família.

Relativamente ao Toxicodependente, é necessária identificar a *natureza e intensidade* dos factores de stress, explorar as *vantagens* que o abuso de drogas pode supor para o indivíduo (ganhos secundários), identificar os *mecanismos de adaptação* e avaliar a *capacidade* para realizar as actividades de vida diária.

No que respeita à família, é indispensável analisar a *estrutura* familiar, incluindo a fase de desenvolvimento, papéis, responsabilidades, regras e valores. Explorar as *atitudes* da família face ao Toxicodependente.

Analisar o *clima emocional* da família.

Identificar os *apoios sociais* de que dispõe: família extensa, amigos, ajuda económica, associações religiosas, organizações sociais, etc. Identificar o *nível de compreensão* da família sobre o problema da Toxicodependência e os planos de tratamento.

Feita esta primeira abordagem da situação concreta, procede-se à planificação e execução das acções com vista à resolução dos problemas constatados.

No que concerne ao Toxicodependente é necessário determinar, entre o Enfermeiro e o Utente, objectivos realistas baseados nos diagnósticos de Enfermagem. Potenciar os recursos pessoais do Toxicodependente para o ajudar a conseguir a máxima independência. Referir-lhe programas assistenciais alternativos que o ajudem a funcionar de forma independente ou interdependente na Comunidade; podem ser programas de reabilitação psicossocial ou programas de apoio comunitário. Animar o indivíduo a integrar-se em grupos de apoio mútuo. Identificar de atitudes de resistência à mudança, se existir, e ajudá-lo a superá-las e a buscar alternativas. Instruir sobre os Cuidados de Saúde mais importantes, tanto da saúde física como da saúde mental e sobre as formas de potenciar as relações sociais. Defender o Toxicodependente (se necessário) dos seus familiares e das organizações comunitárias. Finalmente, ajudar o utente a desenvolver uma rede de apoio sólida.

Com a família: estabelecer uma boa relação para que esta possa ajudar eficazmente no processo terapêutico. Proporcionar-lhe toda a informação necessária, remetê-la a outros elementos da Equipa de Saúde se necessitam de mais dados e propor-lhe formas de actuar face à conduta anormal do Toxicodependente. Proporcionar à família reforços sobre a eficácia das suas interacções. Se necessário, remeter a família a um especialista em terapia familiar. Pôr a família em contacto com um grupo de apoio mútuo. Ajudar a família a procurar as organizações de ajuda assistencial necessárias. Informar a família sobre os serviços de actuação ante as crises.

Finalmente, a evolução. É feita pela observação do comportamento do Toxicodependente e incide sobre os seguintes pontos: *compreensão* da relação existente entre o stress e a necessidade de consumir substâncias estupefacientes; *mobilização* adequada dos mecanismos de adaptação; *capacidade* para reconhecer os seus sentimentos de ansiedade e entender as suas reacções; se *aprendeu* métodos alternativos para aliviar o stress e a ansiedade; se manifesta *capacidade* para manter a abstinência; se demonstra *capacidade* para participar em actividades que favoreçam o desenvolvimento e realização pessoal.

O processo de tratamento pressupõe a recuperação. Espera-se que com a conjugação dos esforços de todos, o Toxicodependente evolua no sentido de um amadurecimento consciente que o arranque do estado de adolescente abatido e frustrado e o converta num adulto que se conhece a si próprio. Nesta circunstância, sentirá necessidade de reatar as suas relações com a família, já não em condições de imaturidade, dependência ou oposição, mas sim a um novo nível de respeito recíproco, de reconhecimento dos termos comuns e das necessárias independências.

* Comunicação apresentada no Simpósio «Família e questões de Bioética», Universidade Católica Portuguesa, Porto, Outubro de 1994.

Para se alcançar este ponto de chegada, é insubstituível o contributo dado pelos pais e pela restante família, com o seu próprio crescimento paralelo que os prepara para a criação de relações diferentes, baseadas numa comunicação sincera e corajosa e que prescinde de um bode expiatório; mas que respeite a dignidade, a individualidade e os limites de cada um dos membros da família.

Só recuperados todos, do sofrimento autêntico e dramático, poderão, finalmente, crescer para a ânsia de saber, o ímpeto de agir, a força de crer, o desejo de apostar em si mesmos, o prazer de assumir responsabilidades, o gosto da honestidade, a sedução do dever.

Conclusão

O amor dos pais constitui, certamente, o mais profundo laço humano, sendo alimentado como é pelo instinto de protecção em relação ao filho a quem deram a vida.

A família só se justifica pelo amor entre as pessoas e deve ser sempre um espaço de paz, uma aprendizagem de reconciliação, um campo constante de exercício do perdão e da misericórdia, um estímulo permanente a ultrapassar as dificuldades por força do amor e para que o amor cresça e seja a lei indiscutível a que todos se submetem voluntariamente.

Parafraseando João Paulo II, diria: «Família, torna-te aquilo que és! Comunidade de Vida e de Amor».

Bibliografia

COOK, J. S.; FONTAINE, K. L. - *Enfermeria psiquiátrica*. Madrid: Interamericana; Hill, 1992.

TAYLOR, Cecilia Monat - *Fundamentos de Enfermagem Psiquiátrica*. 13ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MARIA CRISTINA DA SILVA CAMPOS **

** Enfermeira Assistente na Escola Superior de Enfermagem de Santa Maria (Porto), especialista em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica, a frequentar o Curso de Pedagogia Aplicada ao Ensino de Enfermagem.

Bibliografia

Filosofia

POLO, Leonardo - *Introducción a la filosofía*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, S.A., 1995. 229 p.

Esta Introdução é fruto das lições dadas oralmente aos alunos do primeiro curso da licenciatura em Filosofia e, por isso, a eles, principalmente destinada. Mas torna-se útil a quantos sintam necessidade de compreender o núcleo das questões filosóficas e, assim, libertar-se de preconceitos quanto à útil inutilidade da Filosofia.

Não é um livro de divulgação filosófica, no sentido débil desta expressão, procurando aproximar a Filosofia do comum das pessoas. Mas antes, um livro de aproximação das pessoas, de autêntica introdução dos leitores no âmbito e no nível da Filosofia. Destina-se a quantos se deixem possuir pela paixão da verdade e desejem evitar a desorientação ou a perplexidade na hora de enfrentar decisões vitais, impostas pelo sentido do dever e da própria dignidade, quer em benefício pessoal, quer em proveito comum. É que torna-se impossível assumir responsabilidades, sem fundamentação, até às últimas causas, ou aos supremos valores.

Ninguém pode fazer uma introdução a uma ciência ou a uma arte, se não estiver bem dentro delas. Não basta ser um guia; é preciso ser um mestre.

Ora, o autor desta obra tem o crédito do saber e da experiência. É professor de História da Filosofia na Universidade de Navarra, há cerca de quarenta anos e publicou várias obras de metafísica e teoria do conhecimento, a partir de 1963.

Por isso, não fez uma Introdução informativa, como muitas das que conhecemos, fornecendo um elenco temático, um bosquejo histórico e uma selecção de instrumentos e regras de trabalho. Mas fez antes, uma Introdução interpelativa ou maiêutica, provocando no leitor um estado de alma que o desperte para um autêntico filosofar.

Para tal, procurou transcrever, para o plano individual, o processo histórico da origem da Filosofia. Como se a ontogénese do filosofar tivesse de repetir a filogénese da Filosofia.